

A PARÁBOLA DOS TRABALHADORES DA ÚLTIMA HORA – CONTINUAÇÃO

Publicado a 23 de janeiro de 2012 por lgm

Continuemos na reflexão sobre a parábola, retratada em Mateus 20:1-16:

“O reino dos céus é semelhante a um pai de família que saiu de madrugada, a fim de assalariar trabalhadores para a sua vinha. – Tendo convencido com os trabalhadores que pagaria um denário a cada um por dia, mandou-os para a vinha. – Saiu de novo à terceira hora do dia e, vendo outros que se conservavam na praça sem fazer coisa alguma, – disse-lhes: Ide também vós outros para a minha vinha e vos pagarei o que for razoável. Eles foram. – Saiu novamente à hora sexta e à hora nona do dia e fez o mesmo. – Saindo mais uma vez à hora undécima, encontrou ainda outros que estavam desocupados, aos quais disse: Por que permanecéis aí o dia inteiro sem trabalhar? – É, disseram eles, que ninguém nos assalariou. Ele então lhes disse: Ide vós também para a minha vinha. – Ao cair da tarde disse o dono da vinha àquele que cuidava dos seus negócios: Chama os trabalhadores e paga-lhes, começando pelos últimos e indo até aos primeiros. – Aproximando-se então os que só à undécima hora haviam chegado, receberam um denário cada um. – Vindo a seu turno os que tinham sido encontrados em primeiro lugar, julgaram que iam receber mais; porém, receberam apenas um denário cada um. – Recebendo-o, queixaram-se ao pai de família, – dizendo: Estes últimos trabalharam apenas uma hora e lhes dás tanto quanto a nós que suportamos o peso do dia e do calor. – Mas, respondendo, disse o dono da vinha a um deles: Meu amigo, não te causo dano algum; não convencionaste comigo receber um denário pelo teu dia? – Toma o que te pertence e vai-te; apraz-me a mim dar a este último tanto quanto a ti. – Não me é então lícito fazer o que quero? Tens mau olho, porque sou bom? – Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos, porque muitos são os chamados e poucos os escolhidos.”

Poderemos indagar, por exemplo, quanto ao prazo de duração: o “contrato” valeria por uma encarnação ou por um dia terreno?

Admitindo-se a primeira hipótese, pode-se prever uma tendência de grande parte dos obreiros em adiar o início das suas obrigações, aguardando primeiro, por exemplo, garantir a sobrevivência material, a constituição de uma família etc., ficando o cumprimento da programação espiritual para uma idade mais avançada, podendo acontecer do trabalhador vivenciar toda a encarnação ocupado com os interesses materiais e terminá-la sem sequer ter começado o trabalho “na Vinha de Deus”...

Se, por outro lado, pensarmos que o “contrato” tem a validade de um dia terreno, a situação do trabalhador muda totalmente, pois, durante a jornada, terá de empenhar-se da melhor forma possível. No dia seguinte, poderá estar desempregado, ou seja, chamado pela desencarnação a prestar contas...

Realmente, cada dia apresenta uma série de obrigações para quem realmente quer “trabalhar na Vinha de Deus”, quer sejam deveres que dão destaque no cenário terreno, quer sejam os pequenos afazeres, muitas vezes desprezados por quem ainda se acha dominado pelo orgulho, egoísmo ou vaidade.

Outra consideração que podemos fazer é quanto ao que cada operário é chamado a realizar, sendo que alguns aceitarão as tarefas que lhes forem designadas, enquanto que outros se recusarão, pretextando argumentos vários. O bom trabalhador não recusará tarefa alguma: seu dia será pleno de realizações, mesmo que representado a soma de afazeres aparentemente inexpressivos.

Alguns reclamarão das condições de trabalho, exigindo facilidades e privilégios, enquanto que outros ficarão satisfeitos de estar tendo a oportunidade de ganhar o pão de cada dia honradamente, e, mais, uns poucos estarão felizes de poderem ser úteis.

Outros tantos, ao invés de realizarem as tarefas que lhes competem, estarão observando maliciosa ou rigorosamente o comportamento dos demais, com “maus olhos”, enquanto que os eticamente corretos cumprirão seus deveres sem atentar para as falhas ou acertos alheios.

Outra reflexão que pode ser feita diz respeito ao proprietário da Vinha ter “despedido” um dos empregados que reclamou da sua generosidade com que os trabalhadores da última hora foram tratados. Esse empregado, na certa, teria, todavia, nova chance de voltar a trabalhar quando quisesse, pois Deus nunca deixa fechada a porta do recomeço aos Seus filhos.

São grandes Lições, que nunca envelhecem e apresentam uma densidade cuja maior percepção depende de quem as lê ter “olhos de ver e ouvidos de ouvir”.

Quem já começou a investir na reforma interior enxerga em cada parábola muito mais profundidade do que aqueles que estão apegados às coisas materiais.

A compreensão mais aprofundada depende do grau de sintonia com os Espíritos Superiores, que já começaram a trilhar a senda da auto-reforma há muito mais tempo que nós, e nos inspiram parcelas cada vez mais amplas da Verdade, de acordo com o grau de reforma moral que tivermos realizado.

Luiz Guilherme Marques